



Revista AUS

ISSN: 0718-204X

ausrevista@uach.cl

Universidad Austral de Chile

Chile

Cardim, João

Entre o popular e o erudito. Casas de férias em Colares (Sintra- Portugal) 1940-1974:

Apropriação moderna de uma ideologia secular.

Revista AUS, núm. 17, enero-junio, 2015, pp. 42-48

Universidad Austral de Chile

Valdivia, Chile

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=281742456008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Entre o popular e o erudito. Casas de férias em Colares (Sintra- Portugal) 1940-1974: Apropriação moderna de uma ideologia secular¹.

Between what is popular and erudition.
Vacation houses in Colares (Sintra- Portugal)
1940-1974: Modern appropriation of a secular
ideology.

- ▲ **Palabras clave/** Casas de férias; arquitectura moderna; Colares (Sintra – Portugal); 1940-1974.
- ▲ **Keywords/** Vacation homes, modern architecture; Colares (Sintra – Portugal); 1940-1974.
- ▲ **Recepción/** 1 septiembre 2014
- ▲ **Aceptación/** 14 octubre 2014

João Cardim

Arquitecto, doutorando em Arquitectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.
caardim@gmail.com

RESUMEN/ Esta investigação partiu do desejo de melhor compreender uma realidade territorial e as suas características intrínsecas, justificadoras de um elevado grau de atractividade, constante ao longo dos últimos seis séculos. A zona em estudo, centrada em Colares (importante zona de veraneio dos arredores de Lisboa), é determinadamente marcada – na sua paisagem, devir histórico, evolução social e especificidade cultural – por pressupostos conceptuais e propósitos de oposição cidade/ campo, natural/ artificial e otium/ negotium, traduzidos não só em termos de contemplação e idealização “poéticas” mas, também, de usufruto e materialização arquitectónica. Partindo das considerações de James Ackerman (1995) sobre a villa suas primordiais características e a própria transversalidade temporal deste conceito tipológico e ideológico, procurámos revelar e analisar uma (inédita) produção arquitectónica moderna (1940-1974), correspondente a algumas dezenas de casas de veraneio e de fim-de-semana, notórias pelo seu especial interesse arquitectónico, pelos profissionais que as projectaram e pelo cruzamento de referências internacionais e locais. **ABSTRACT/** This research stems from the wish to better understand a territorial reality and its inherent characteristics, which justifies a high level of constant activity during the past six centuries. The study area, focused on Colares (a major vacation area in the vicinities of Lisbon), is specifically marked – in its landscape, historical development, social evolution and cultural specificities – by conceptual conjectures and the oppositions between city/ countryside, natural/ artificial and otium/ negotium, translated not only in terms of poetical contemplation and idealizations, but also of usufruct and architectonic materialization. Stemming from the considerations of James Ackerman (1995) about the villa its main features and the inherent time cross-cutting nature of this typological and ideological concept, we aim at revealing and analyzing an (unprecedented) modern architectonic production (1940-1974), corresponding to a dozen vacation and weekend houses, notorious due to their special architectonic interest, the professionals who projected them and their international and local cross-references.

INTRODUÇÃO. O presente artigo tem como finalidade apresentar resumidamente os resultados, ainda inéditos, de uma investigação mais ampla cujo objectivo – revelar e analisar uma produção arquitectónica moderna de excepção, correspondente a algumas dezenas de casas de veraneio e de fim-de-semana (de um universo de cerca de 1.500) construídas entre 1940 e 1974 – carecia de um mergulho temporal relativamente longo que procurasse contextualizar as características essenciais da ideologia da *villa* de modo a verificar a sua manifestação no período moderno.

Numa primeira parte procurámos analisar o território em estudo – centrado em Colares, mas cujos limites relevantes são mais abrangentes, incluindo a celebrada Vila de Sintra e a serra com o mesmo nome – quanto às razões de base da sua atractividade inicial e quanto à evolução dos diversos aspectos conducentes à sua transformação, em épocas já recentes, num célebre e privilegiado lugar de vilegiatura e de consequente experimentação arquitectónica.

Numa segunda parte centrámo-nos na região de Colares, para a qual se deslocou desde o início e ao longo do século passado o eixo “turístico-residencial” de Sintra, em grande parte devido ao desenvolvimento das actividades de cariz balnear e dos vários contextos lúdicos a elas ligados. Optámos, então, por examinar em detalhe os projectos de arquitectura doméstica de veraneio aí concretizados entre 1940 e 1974, pois foi durante esse decisivo período, de progressiva e incontornável mudança social, económica e cultural, que aí assistimos à construção de inúmeras casas de férias verdadeiramente notáveis, na sua maior parte tendo como autores os mais destacados representantes das várias gerações de arquitectos dessa época e, ainda, exemplarmente representativas das diversas correntes e discussões que então dinamizaram e transformaram a prática e o pensamento arquitectónicos em Portugal.

¹ “Tese de Mestrado Integrado em Arquitectura”, realizada no ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa.



Imagem 1. “Azenhas do Mar”, fotografia do final do século XIX. (fonte: Gaspar e Gaspar, 2010).



Imagem 2. Duarte d'Armas, “Cintra tirado natural da parte do Sull, 1507”; mostrando o Paço Real, a paisagem da serra e o mar ao fundo (fonte: Cardim Ribeiro, 1996).

A CULTURA DA VILLA NA REGIÃO DE SINTRA/COLARES: PERCURSO HISTÓRICO.

Para melhor compreender o fenómeno das casas de férias construídas na zona de Colares em meados do século XX importa perceber que esta produção resultou da relação entre uma elite burguesa – e o seu desejo de possuir uma segunda morada que lhe concretizasse as ambições de “sonho” e de lazer, evidenciando ainda o seu estatuto social e poder económico – e uma população rural que vivia do campo, um campo real completamente diferente do cenário “rústico” e “pitoresco” idealizado pelo homem citadino. Dois factores conjugados revelaram-se fundamentais, em Colares, quanto ao grau de atractividade como zona de eleição para habitação sazonal no século XX: (a) o de corresponder inteiramente ao conceito de “paisagem idílica” na qual se podem gozar momentos dedicados ao lazer e à contemplação da natureza, numa clara oposição à agitação e afazeres da vida urbana; e (b) a circunstância paradoxal inerente à existência desta tipologia de habitação, sobretudo na sua forma actual herdada da “democratização da villa” ocorrida no século XIX: a sua condição de satélite da cidade (neste caso, Lisboa) – «a ideologia que enaltece o campo e despreza a cidade é em parte uma resposta paradoxal à dependência do estilo de vida no campo [associado à *villa*] dos recursos económicos

da cidade» (Ackerman, 1995: 12). Embora o presente estudo se centre na arquitectura doméstica de veraneio realizada em Colares nos anos de chegada e afirmação da arquitectura moderna em Portugal – realidade arquitectónica que, nas palavras de Ana Tostões (2000: 45-46), constituiu, «pelo espaço de liberdade projectual que o seu programa pressupõe, (...) magníficos laboratórios de uma arquitectura de autor (...) [representando], de modo singular, a produção erudita [em torno] da década de [19]50, acompanhando o processo de afirmação, questionamento e contestação da ortodoxia do Movimento Moderno» –, cremos oportuno esboçar as várias etapas anteriores que, também nesta região, constituem antecedentes culturais desta atracção “urbana” pelo campo. Tal herança, larga no tempo, é certamente incontornável para a percepção da villa enquanto fenómeno civilizacional, o qual, na sua aparente simplicidade, contém aspirações vivenciais – de reclusão individual, procura de descanso e lazer, contacto com a natureza, etc. – tão antigas como a própria organização das comunidades em grandes aglomerados urbanos. Apesar de se conhecerem algumas *villae* romanas na vertente setentrional da Serra de Sintra – sendo a mais notória de Santo André de Almoçageme (aparentemente fundada na segunda metade do século I d.C.

e com ocupação até à Época Islâmica), a maioria dos “habitats” similares espalha-se, aqui, pelo largo planalto que se dilata para Norte da serra. São marcantes os traços definidores da paisagem envolvente, quer pelas suas condições geomorfológicas excepcionais, quer pela proximidade a uma importante e cosmopolita cidade portuária, Olisipo (Lisboa). A estas singularidades pragmáticas junta-se um não menos importante elemento, o carácter simbólico-religioso que contribuiu decisivamente para a forte personalização do território. Este carácter corresponde a um processo de “mitificação” que, embora de origem pré-romana, nos chega principalmente através dos autores clássicos – nomeadamente das alusões de Estrabão, Plínio “O Velho”, Ptolomeu, Varrão e Columela. De facto, para as elites romanas, o litoral poente da Península Hispânica representava, na sua concepção do mundo – de matriz grega –, o derradeiro extremo ocidental, onde o Sol “morria” quotidianamente no Oceano e para onde confluíam, gradualmente e ao longo da dilatação das terras conhecidas e, mais tarde, do próprio Império, uma grande parte dos antigos mitos e lendas relacionados com o desconhecido e com o exótico (Cardim Ribeiro, 2011). Também a Época Islâmica (713-1147) é fértil em descrições lisonjeiras que vincam o carácter “maravilhoso” da região e lhe salientam a amenidade, especialmente



Imagem 3. João Cristino da Silva, "Cinco Artistas em Sintra", 1855 (fonte: <http://www.museuartecontemporanea.pt/ArtistPieces/view/33/artist>).



Imagem 4. Alfredo Keil, "Banzão" (1882) (fonte: Rodrigues, 2001).

quando elogiam as qualidades da vida no campo em detrimento do buliço da cidade. Este período, além de constituir um elo entre cultura clássica e medieval, representa também a fase durante a qual Sintra e Colares emergem como povoados de primeira importância, desenvolvendo-se em simultâneo e em simbiose (Caetano, 2000). No entanto, será apenas com Dom João I (reinado 1385-1433) que o conjunto de edifícios remanescente do velho burgo islâmico de Sintra se transforma num imponente Paço Real, marcando o início da principal morada de veraneio da Corte até finais do século XVI – eleita, segundo testemunho do rei Dom Duarte, devido à amenidade do clima, qualidade e disponibilidade de águas e provisões, proximidade da capital, boas zonas de caça, e ainda ao panorama que se podia admirar do palácio (Vieira da Silva, 1996: 45). Durante o Renascimento, este paço exponencia o seu papel como principal edificação régia de veraneio, conferindo a Sintra e à sua região – com predominância da própria serra e do vale de Colares – um significado e função à época únicos em Portugal. De forma que, a partir de então, não é já apenas o rei – e a corte que o acompanha e que com ele reside na mesma morada áulica – que vem para Sintra em “segunda residência” estival, mas também os mais importantes elementos da nobreza, assim como artistas, poetas e eruditos. Mais tarde, apesar da utilização do Paço de Sintra pela Casa Real ter diminuído abruptamente com a Dinastia Filipina (1580-1640) e, de novo, ao longo de quase todo o

século XVIII – época em que preponderam Queluz e Mafra –, o movimento de instalação de mansões nobres de “veraneio” ao gosto clássico entre Sintra e Colares não sofre hiatos e prolonga-se ininterruptamente até inícios de Oitocentos. É último século que, de certa forma, Sintra e Colares tomam rumos opostos. Enquanto Sintra, com o célebre Palácio da Pena (1842-1854) e as suas decorrências românticas (que vêm até ao início do século XX), ganha um crescente cariz mundano – que a linha ferroviária, ligando a Lisboa desde 1877, vem facilitar –, Colares reforça por contraste o seu carácter de *locus amoenus* refúgio “anti-urbano” de veraneio e de *otium* criativo por excelência –, atraindo um pequeno grupo pioneiro de intelectuais e artistas, entre os quais se destaca Alfredo Keil (1850-1907), músico e pintor.

Temos pois, a partir de agora, duas “Sintras”: a dos palácios, dos aristocratas e burgueses, mais “citadina” e movimentada; e a “tradicional”, bucólica, rústica e litoral, sem exuberantes floras exóticas, luxos, ou diversões nocturnas. É esta segunda, a de Colares, que ora preserva os idílicos e prodigiosos encantos que ao longo dos tempos tinham feito a celebridade da Sintra pré-romântica. É também aqui que os artistas e intelectuais procuram o “popular”, contactando mais de perto com o povo, os saloios – na continuidade de um harmonioso convívio alguns anos antes espelhado ainda em plena serra no famoso quadro de João Cristino da Silva (1829-1877), “Cinco Artistas em Sintra” (1855).

O desenvolvimento da região de Colares

enquanto zona “moderna” de veraneio inclui, de modo geral, cinco fases sequenciais. A primeira abrange o período desde 1884-88 – momentos iniciais que assistiram à abertura da estrada entre o Banzão e as Azenhas-do-Mar, bem como à construção das primeiras edificações na referida estância balnear – até 1904, ano da inauguração da linha do carro-eléctrico Sintra-Praia. É esta a época dos “pioneiros”, como Keil, e corresponde à construção de alguns *chalets* (denominados “villas”) junto à povoação de Colares, bem como às primeiras casas na Praia-das-Maçãs. A segunda fase inicia-se, claramente, em 1904, com a referida inauguração da linha férrea – que proporciona ainda, muito precocemente, a possibilidade da distribuição privada de energia eléctrica –, e prolonga-se, sensivelmente, até meados dos anos 1940. Assistimos, neste período, a uma primeira “democratização” desta zona de lazer, que se vira cada vez mais para uma vivência de indole balnear.

É à terceira fase que correspondem os casos de estudo analisados. Estende-se esta desde finais da primeira metade do século XX até à Revolução de 1974 e caracteriza-se, sobretudo, pela assinalável amplitude e diversidade que ora ganha aqui o fenómeno das “segundas residências”, na presença cada vez maior de uma burguesia lisboeta com alguns recursos económicos e um certo grau de cultura e gosto estético, de profissionais liberais, mas também – e este factor em continuidade – de artistas, arquitectos, músicos, literatos, etc.. Caracteriza-se, de igual modo, sobretudo a partir de meados dos anos 1950, por uma

progressiva diminuição de algumas das costumeiras diversões “populares” e, em contraste, por um igualmente progressivo crescendo das actividades intrinsecamente balneares e das vivências sociais, inclusive nocturnas, que vêm a encontrar a sua tradução funcional – e arquitectónica – em

grandes complexos de piscinas, algumas unidades hoteleiras e colónias de férias. Conforme é consensual, a Revolução de 1974 representa, a vários títulos, uma ruptura na vida e nos hábitos portugueses – sem excepção dos temas e realidades em análise. Não sendo este o lugar oportuno para desenvolver esta mais recente época, alheia à periodização escolhida para o presente estudo, limitar-nos-emos a sugerir que a mesma possua duas fases distintas, resumíveis também em duas palavras: abandono – devido não só ao impacto da Revolução (muitas moradias ficaram desabitadas, até no Verão, e algumas foram ocupadas) mas, também, à “descoberta”

do Algarve – no Sul de Portugal – enquanto zona preferencial para férias; e recuperação – já a partir de meados dos anos 1980, com a retoma do ritmo de construção pré-1970 e com um maior desenvolvimento dos núcleos de habitação permanente, em especial nos anos 1990. Assiste-se, já no século XXI, à crescente transformação por parte de novas gerações em “primeira residência” de muitas das antigas casas de veraneio – atitude ademais proporcionada pela banalização do transporte automóvel e pela progressiva melhoria dos acessos viários –, factor que altera em grande medida as características da região, e necessitando, pois, de um estudo autónomo.



Imagem 5. Keil do Amaral, Casa de Fim-de-Semana no “Bairro dos Arquitectos”, Rodízio, proj. 1940 (fontes: Arquivo da Câmara Municipal de Sintra [desenhos]; Nogueira, 1943 [fotografias]).

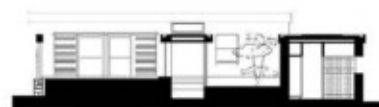


Imagem 6. Francisco Conceição Silva, "Casa Rodrigues", na Avenida do Atlântico, entre o Banzão e o Rodízio, proj. 1958. (fontes: Arquivo da Câmara Municipal de Sintra [desenhos]; fotografia do autor).

CASAS DE FÉRIAS EM COLARES (1940-1974). TRÊS PERÍODOS: RÚSTICO, MODERNO, REVISIONISTA.

Os exemplos escolhidos para este artigo – de entre toda a produção de arquitectura doméstica de veraneio inventariada – permitem, devido às suas características diferenciadoras, identificar três períodos ou modos-de-fazer distintos – mas parcialmente sobrepostos –, concernentes ao relacionamento com o território e com o próprio fenómeno do veraneio. No primeiro – que denominámos de “Rústico do Rodízio” (a partir do topónimo da zona ora construída) – assistimos a certo desejo de vida simples que tem como cenário uma arquitectura mínima e racional, que se une ao gosto pelo pitoresco e que evoca um certo imaginário “popular”. Francisco Keil do Amaral (1910-1975), neto do referido “pioneiro” da ocupação urbana da Praia-das-Maçãs, é uma das principais figuras deste período, tendo projectado duas casas de fim-de-semana no célebre “Bairro dos Arquitectos” – onde também constroem Raul Tojal (1900-1969), Adelino Nunes (1903-1948) e Faria da Costa (1906-1971) –, cuja primeira (1940) é um exemplo notável de

conjugação da racionalidade e simplicidade modernas – que Keil do Amaral aprofunda nas suas viagens à Holanda – com sistemas construtivos locais e com uma “imagem tradicional” de uma marcante singeleza, da qual faz parte também a integração harmoniosa com o seu entorno. Como nos diz Raul Hestnes Ferreira (1992, p. 71), estamos perante «um edifício que quase não se vê, de base rectangular [c. 10x5m], coberto por um telhado de uma água, e três janelas frontais, com portadas». A aparência exterior esconde um interior onde tudo é aproveitado ao máximo – desde a transformação de um recanto da sala comum em espaço para dormir, até à utilização de uma cama suspensa e à presença de um único móvel de arrumação na sala. De salientar o recurso – aqui indispensável – à sala comum, cuja “descoberta” abre novas perspectivas para o uso racional do espaço.

Num segundo período, uma nova geração pretendeu introduzir, de maneira mais incisiva, o modo de vida moderno, quer por via “mediterrânica”, quer por via mais “internacionalista”. A primeira referenciase em maior ou menor grau nas obras de Le Corbusier do começo dos anos 1930, como a Casa Errázuriz (Chile, 1930, não realizada) ou a casa de veraneio em Les Mathes (França, 1935), em conjunto com exemplos mais recentes provindos em especial das obras de Oscar Niemeyer ou de J. A. Coderch. Na região em análise, a Casa Rodrigues (1958), de Francisco

Conceição Silva (1922-1982), corresponde então a este processo de “mediterraneanização” do moderno, a que o arquitecto recorre também em três moradias do Guincho (Cascais) projectadas no mesmo ano (e construídas entre 1959 e 1965), as quais igualmente combinam «uma estrutura espacial aberta e fluida, própria da arquitectura moderna, com a recuperação da intimidade, pelo agenciamento em torno de pátios recolhidos, característicos do habitat mediterrânico [e que constituem os elementos geradores da planta]» (Leite: 2007: 62).

Em paralelo com este processo assistimos também à importação de modelos mais internacionalistas, sobretudo através da acção de Peter Neufert (1925-1999), filho de Ernst Neufert, autor do famoso manual de arquitectura e arquitecto com fortes ligações à Bauhaus e a Walter Gropius. Alguns projectos para clientes alemães em Colares têm esta procedência, com destaque para a Casa Sylvia (1962) – projectada por Peter Neufert com apoio local de Nuno San Payo (1926-2014) –, onde impera o sentido racionalista, tanto na funcionalidade como na estética, e os pormenores característicos de tal abordagem, como os dispositivos de sombreamento e de iluminação natural, armários embutidos, portas de correr que aumentam ou diminuem espaços, o elemento da lareira como divisória entre zona de estar e zona de refeições, e uma disposição geral plena de aproveitamento

racional do espaço. Conforme referido na revista Binário (n.º 186, Março de 1974), a moradia de Neufert pontua a paisagem como um marco – estruturalmente ambicioso –, constituindo um dos poucos exemplos analisados onde é enunciada, com mais clareza, a questão de a *villa* ter como função não só “ver” a paisagem mas também “ser vista” integrada nela. Num terceiro momento, quase em paralelo com o segundo, surge o “revisionismo” das propostas mais internacionalistas – por inspiração do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa (1955-1961) ou por via americana, nórdica ou italiana –, que se manifesta numa adaptação à topografia, na utilização de materiais e técnicas construtivas mais tradicionais em conjugação com materiais e sistemas modernos, e numa maior inventividade espacial em planta e em corte. Os exemplos desta fase são numerosos e incluem, por exemplo, a já algo referenciada Casa Metello

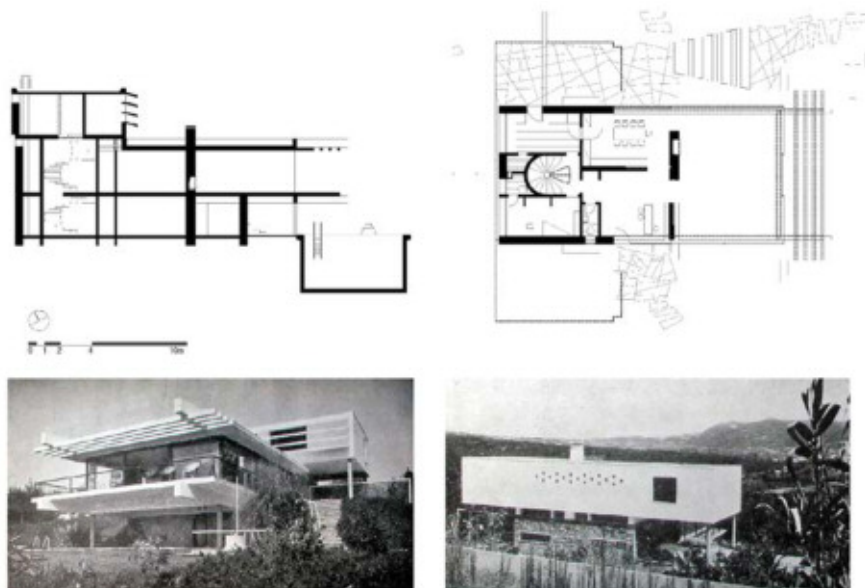


Imagem 7. Peter Neufert, “Casa Sylvia”, no Alto do Rodízio, proj. 1962 (fontes: Arquivo da Câmara Municipal de Sintra [desenhos]; “Casa na Praia das Maças”, in Binário 186, Março 1974 [fotografias]).

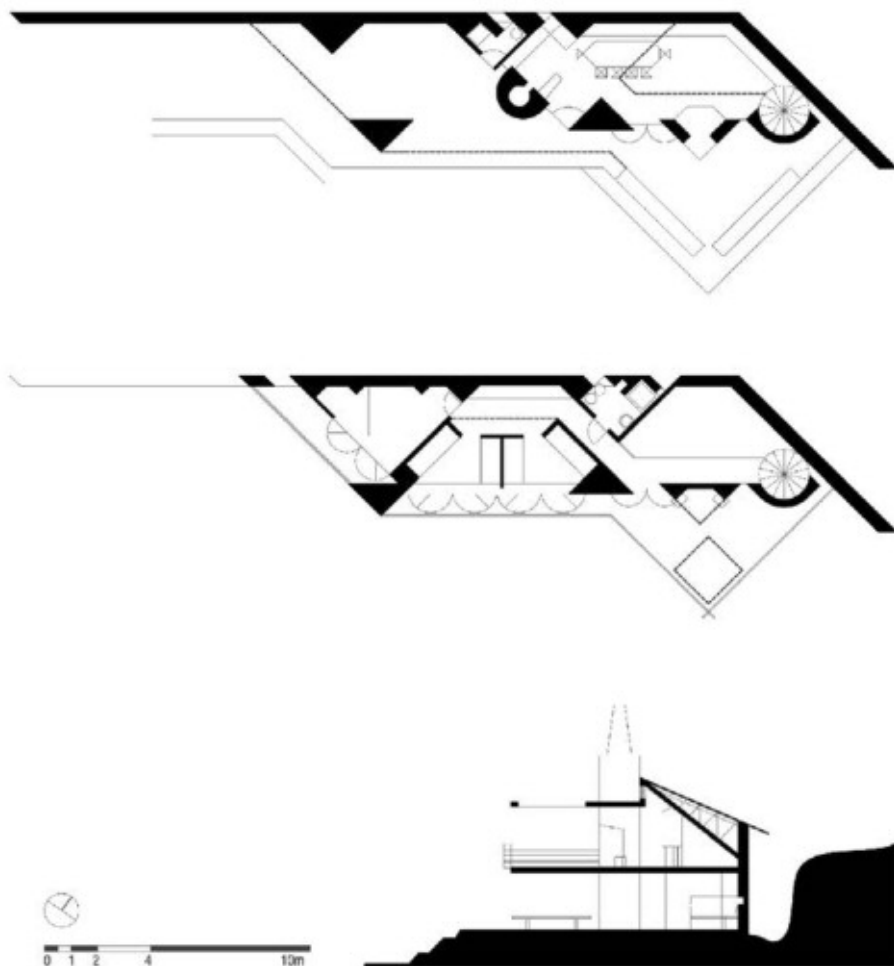


Imagem 8. Justino Morais, “Abrigo da Nora”, Vinagre (Colares), proj. 1964. (fontes: Arquivo da Câmara Municipal de Sintra [desenhos]; fotografias do autor).





Imagem 9. Justino Morais, "Abrigo da Nora", Vinagre (Colares), proj. 1964. (fonte: Arquivo Família Morais).

(1958-1959) de Nuno Teotónio Pereira (n. 1922) e Nuno Portas (n. 1934), mas talvez seja justo destacar aqui um projecto, até agora inédito, do arquitecto Justino Morais (1928-2011) – o Abrigo da Nora (1964) –, que recupera as dimensões mínimas mais congeniais ao período de férias, onde a reunião da família não exige grande desafogo interior, antes uma meditada organização espacial e uma ampla relação com o exterior.

Neste projecto todo o investimento é canalizado para a concentração das actividades domésticas no menor espaço possível. A utilização de ângulos de 45° na composição denota a influência internacional exercida neste arquitecto, numa época em que se procuravam

alternativas às usuais divisões rectilíneas a fim de permitir uma maior fluidez espacial. Com efeito, a utilização de redes como suporte geométrico para a concepção de um edifício está presente pelo menos desde as experiências de Frank Lloyd Wright nos anos 1930 – patente, por exemplo, na Casa Hanna (Califórnia, 1935-37) – e irá generalizar-se nos anos 1960 em Portugal. No abrigo de Morais este tipo de estruturação permite-lhe – ao mesmo tempo que dota as curtas permanências aí passadas da possibilidade de uma riqueza vivencial inusitada – a subtil resolução de todos os problemas projectuais num espaço reduzidíssimo, o que, neste caso e recorrendo aos métodos de composição ortogonais, talvez não tivesse sido viável. De modo algum imune às tendências estéticas do seu tempo, o Abrigo da Nora demonstra, no entanto, que um certo tipo de considerações projectuais – derivadas de uma determinada maneira de estar que privilegia a essencialidade e o despojamento

–, ligadas ao conceito de *villa* transformado pelo século XIX, se mantém presente na região em análise, pelo menos até à década de 1960. A relevância com que ainda é tratado o tema da paisagem, o simbolismo da serra no horizonte, o sentimento de refúgio e a fruição dos espaços exteriores, indiciam que as características intrínsecas deste território – cuja origem se perde, como tentámos demonstrar, em tempos remotos – ainda modernamente exercem capital influência nas mais relevantes intenções de projecto, desde a implantação até à disposição interna e à relação com a envolvente. À cultura arquitectónica propriamente dita – em constante evolução ou alteração – sobrepõe-se, portanto, a “imutável” cultura da *villa*, que acompanha a arquitectura nas questões vivenciais mas que remete firmemente para um passado imemorial a respectiva carga ideológica ligada aos valores do habitar simples, do recolhimento na natureza, do sossego e do ócio.

REFERÊNCIAS

- Ackerman, J., 1995 [1990]. *The Villa. Form and Ideology of Country Houses*. Princeton University Press, New Jersey.
- Caetano, M. T., 2000. Colares. Câmara Municipal de Sintra, Sintra, Portugal.
- Cardim Ribeiro, J., 2011. “Soli Aeterno Lunae – Cultos astrais em época pré-romana e romana na área de influência da Serra de Sintra: ¿Um caso complexo de sincretismo?”. *Diis Deabusque. Actas do II Colóquio Internacional de Epigrafia “Culto e Sociedade”*. Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, Sintra, p. 595-624.
- Ferreira, R. H., 1992. “Keil Amaral e a Arquitectura”, in Amaral, F. P. K. (coord.), *Keil Amaral Arquitecto 1910-1975*. Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, p. 35-97.
- Gaspar, N. e Gaspar, M., 2010. *Um passeio de Cintra até ao mar. Postais e fotografias do passado*. Artlandia, Lisboa, Portugal.
- Nogueira, A., 1943. “Rodísio, Bairro dos Arquitectos”, in *Panorama*, n.º 15-16 (Jul.). Secretariado da Propaganda Nacional, Lisboa, p. 49-53.
- Rodrigues, A., 2001. *Alfredo Keil 1850-1907*. IPPAR, Lisboa, Portugal.
- Vieira da Silva, J. C., 1996. “Palácio Nacional de Sintra”, in Cardim Ribeiro (coord.), *Sintra Património da Humanidade*. Câmara Municipal de Sintra, Sintra, p. 45-49.
- Tostões, A., 2000. “Casas de Férias Modernas, Anos 50 e Estilo Contemporâneo”, in *Jornal Arquitectos*, n.º 196 (Mai.-Jun.). Ordem dos Arquitectos, Lisboa, p. 31-35.